

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

THE SUBJECT OF IN THE GROUP CONSTITUTION: A READING FROM A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Eliana Zati Silva¹, Arlei Leite Carvalho², Paolla Silva Costa³, Camila Neves Vieira⁴, Janilton Gabriel de Souza⁵, Alessandro Messias Moreira⁶, Ernani de Souza Guimarães Junior^{7*}

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS MG, Varginha – MG – Brasil; e-mail: eliana.silva2@alunos.unis.edu.br;

² Graduanda em Psicologia pelo UNIS MG, Varginha – MG – Brasil; e-mail: arlei.carvalho@alunos.unis.edu.br;

³ Graduanda em Psicologia pelo UNIS MG, Varginha – MG – Brasil; e-mail: paolla.costa@alunos.unis.edu.br;

⁴ Graduanda em Psicologia pelo UNIS MG, Varginha – MG – Brasil; e-mail: camila.vieira@gmail.com;

⁵ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del-Rey/MG - UFSJ; Psicólogo – Universidade de Alfenas - UNIFENAS; Professor de Psicologia do UNIS MG; e-mail: janilton.souza@professor.unis.edu.br;

⁶ Doutor em Educação – UNIMEP; Psicólogo – UNIFENAS; Prof. Titular Doutor do UNIS MG; e-mail: alessandromoreira@unis.edu.br;

⁷ Mestre em Administração – Universidade Federal de Lavras – UFLA; Psicólogo – UFSJ; Professor Titular Mestre do UNIS MG; e-mail: ernani.junior@professor.unis.edu.br.

Resumo

O presente estudo reflete sobre o processo de formação de grupo, analisando quais as disposições que existem em um sujeito que o leva a fazer parte de um grupo. Este constitui-se a partir de uma falta estrutural do sujeito, de seu Eu construído por fragmentos de identificações, que almejam a inteireza. Entretanto, o que a Psicanálise demonstra é que o sujeito é sempre dividido, consciente e inconsciente e que o Eu não é senhor em sua própria casa. Daí essa busca por algo, que diga ao sujeito quem ele é pode ser encontrada na ilusão de pertencimento ao grupo. Como procedimento de investigação fez-se uso de pesquisa bibliográfica, partindo, essencialmente, da obra freudiana “Psicologia das massas e análise do eu”, que traz um avanço na compreensão deste Eu. Junta-se a este outros teóricos no contexto desta compreensão.

Palavras-chave: Grupo. Psicanálise. Eu. Sujeito. Identificação.

Abstract

The present study reflects on the formation of a group, analyzing which devices exist in a subject that leads to being part of a group. This constitutes from a structural lack of the subject, of your Self constituted by fragments of identifications, which aims for wholeness. However, what Psychoanalysis demonstrates is that the subject is always divided, conscious and unconscious, and that the Self is not being in its own home. Hence this search for something that tells the subject who it is can be found in the illusion of belonging to the group. As an investigation procedure bibliographic research was used, essentially starting from the freudian work “ Mass psychology and analysis of the self” which brings an advance in the understanding of this Self. Added this other theorists in the context of this understanding.

Keywords: Group. Psychoanalysis. I/Self. Subject. Identification.

©UNIS-MG. All rights reserved.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo compreender a noção de grupo, como ele é formado e o que leva cada sujeito a desejar pertencer a um agrupamento de pessoas e, algumas vezes, nele fixar-se. Assim, sob o prisma da Psicanálise de orientação lacaniana, utiliza-se a terminologia de sujeito do inconsciente. Esse conceito de Lacan descreve a radicalidade da própria estrutura psíquica. Entretanto, antes de definir isso em Psicanálise, buscou-se no dicionário o significado das palavras indivíduo e sujeito, que podem dar uma pista de por onde este trabalho pretende caminhar. A palavra indivíduo, segundo Houaiss (2009), aludi àquilo que não pode ser dividido, ou seja, indivisível. Enquanto sujeito significa submeter, subordinar.

O termo sujeito designa o ser humano que atua como observador e observado do outro (s), e também como o próprio outro associado a um atributo. Freud empregou o termo sujeito, contudo, foi Lacan, pautado na ideia do signo linguístico de Ferdinand Saussure, que trouxe o sujeito no âmbito do significante, apresentando o significante como aquilo que representa o sujeito para outro significante. Lacan transformou o sujeito da consciência em um sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo (ROUDINESCO e PLON, 1998). Para a Psicanálise, o ser humano é sujeito de seu inconsciente, há algo que pensa dentro desse sujeito, que está além da consciência.

Portanto, o que faz este Eu, sujeito de seu inconsciente, participar em um grupo? A obra freudiana “Psicologia das Massas e análise do eu” (FREUD, 1921/2020) traz um avanço na compreensão deste Eu que é concomitante ao nós. Comentando esta obra, Goldenberg (2014, p. 38) descreve que “o intuito de Freud nunca foi explicar psicanaliticamente o funcionamento coletivo, mas avançar um passo na conceitualização do modo de constituição da subjetividade mesma”.

A proposta pretende, a partir desta leitura e de outros teóricos, entender como o homem, que é um ser individual quando se trata de análise, mas social quando observado em seu “(...) funcionamento psíquico, atitudinal, em suas ações e reações no ambiente, ele é permanentemente um entre outros, um ser no mundo” (ÁVILA, 1999, p. 09). Nesta lógica, a questão norteadora não é um olhar ao grupo em si, mas sim ao sujeito que une-se ao grupo, trazendo para este, sua subjetividade e sofrendo os efeitos do próprio grupo. Assim, busca-se como objetivo analisar este sujeito, composto de singularidades e identificações e as razões da integração do sujeito ao grupo.

O trabalho caracteriza-se como qualitativo quanto à abordagem e uma pesquisa básica em relação à sua natureza. Quanto aos objetivos é uma pesquisa exploratória, ao buscar uma maior aproximação com o problema na tentativa de deixá-lo mais explícito. Em relação aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica, pautando-se no livro de Freud, “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921/2020) e outros teóricos, como Ávila (1999) e Queiroga et.al (2016).

Para tanto, faz-se uma prévia divisão do trabalho em seis tópicos que giram em torno de questionamentos dispostos da seguinte forma: o primeiro tópico é esta introdução, seguida pela provocação: O que é um grupo e como eles são formados? A terceira parte busca esclarecer como os sujeitos funcionam em grupo e, na quarta qual a função da identificação. O quinto tópico aborda a Identificação versus Identidade e, por fim, são postas as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O que é um grupo e como ele é formado?

Por grupo entende-se o “conjunto de pessoas ou coisas dispostas proximamente e formando um todo; conjunto de indivíduos com características, objetivos, interesses comuns” (HOUAISS, 2009, s/p). Quando se observa uma sociedade, nota-se que toda sua articulação/movimento é proveniente desse conjunto de pessoas, não sendo o sujeito isolado o motor dessa articulação, mas, em conjunto.

Para Ávila (1999, p. 03), o grupo é “aquele momento em que um agrupamento de pessoas toma consciência de que, juntas, formam um conjunto e passam a orientar o seu destino comum, (...) é uma referência em comum, uma identidade compartilhada e um projeto coletivo para o futuro”. O mesmo autor, pautado no conceito psicanalítico freudiano, traz a estrutura do grupo em duas instâncias, a de natureza consciente e a de comportamento manifesto. Este último, também de estrutura inconsciente respeita as funções, os papéis desempenhados dentro do grupo. Todo grupo possui uma matriz inconsciente, os motivos apresentados perpassam o desejo em que se assentam as “formações grupais, porque é sempre o desejo que causa a busca do outro, é Eros quem, na sua expansão promove a interligação das pessoas. A força básica que forma os grupos é, assim, erótica - buscamos os grupos para satisfazer nossos desejos” (ÁVILA, 1999, p. 04).

Mesmo tendo algo no grupo que funda este elo, esse satisfazer o desejo, ressalta-se que este coletivo não representa, necessariamente, as vontades singulares, “a ‘alma coletiva’, que, segundo Freud, é diferente do que seria a soma das vontades singulares que a compõem, se sente amparada pelo grupo e capaz de cometer ousadias que o indivíduo, sozinho, não cometeria” (GOLDENBERG, 2014, p. 16). O sujeito, uma vez inserido no grupo, não faz valer seus interesses pessoais, ele perde essas características individuais permitindo que novas características instalem-se, características estas decorrentes de seu inconsciente (QUEIROGA, et.al., 2016).

O outro entra na vida psíquica do sujeito de “maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, porém inteiramente legítimo” (FREUD, 1921/2020, p. 35). Em suma, mesmo perpassando várias singularidades, no grupo está embutido uma ideia em comum, um coletivo de desejos em busca de suas satisfações. Assim, não há como dizer do “nós” sem falar do “eu”, e vice-versa.

Para pensar como a força da formação de um grupo pode ocorrer é importante sublinhar como as primeiras bases da constituição psíquica do sujeito podem contribuir para isso, que, também, se verá mais tarde no funcionamento grupal.

2.2 Primeira unidade de grupo e seus efeitos na constituição do sujeito

Para compreender a forte atração do sujeito pelas identificações em um grupo é importante refletir sobre como elas constituem-se, já nas primeiras relações, as familiares. Neste sentido, é no texto lacaniano de 1938, Complexos familiares na formação do indivíduo, que encontramos uma valiosa tese do desenvolvimento psíquico (MILLER, 2012).

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

Para Lacan (1938/2003), a família é formada por um grupo justificado em sua gênese por uma via dupla: a caracterização biológica instituída pela geração, o que ele chama de condições do meio, as quais os adultos desse grupo são os responsáveis por assegurarem a função de desenvolvimento dos jovens e a manutenção do grupo constituído. Ao contrário dos animais, os homens em seu desenvolvimento não se baseiam em instintos e sim na relação estabelecida com pessoas, de modo que a cultura torna-se equivalente aos instintos.

Lacan (1938/2003) excluiu desde o princípio o instinto puro, valorizando por outro lado a cultura, como fundamental na constituição psíquica do sujeito. A cultura apresenta-se como uma nova dimensão, a qual caracteriza, a própria família humana e os fenômenos sociais. Reforçando essa ideia, Miller (2012, p. 3) explica que, para os homens, o social ganha a forma de cultural, o qual corresponde na verdade a um “ersatz do simbólico”, ou seja, ao desvio da ordem natural para a ordem simbólica.

Embora, outras organizações sociais encarreguem-se de uma série de constructos, cabe originalmente à família o papel de repressão aos instintos e a transmissão da língua materna. Além de cumprir essa tarefa, a família também transmite as identificações e as representações inconscientes, o que assegura uma continuidade psíquica, “essa continuidade, se revela o artifício de seus fundamentos nos próprios conceitos que definem a unidade da linhagem, desde o totem até o nome patronímico, não deixa por isso de se manifestar na transmissão” (LACAN, 1938/2003, p. 31).

Deste modo, é pelo viés das relações sociais que Lacan (1938/2003) concebe a família humana, antes de qualquer coisa “como objeto e circunstância psíquica, (que) nunca objetiva instintos, mas sempre complexos” (LACAN, 1938/2003, p. 33). É através do complexo que é subvertida a fixidez instintiva, corroborando para ascensão das múltiplas culturas. Entende-se por complexo aquele que expressa certa realidade ambiental, sendo essa dominada pelos aspectos culturais, dentre os quais a família é uma célula fundamental na transmissão do complexo. “Tal operação, diz Lacan, pode até ser consciente para o sujeito, embora o complexo tenha sido definido, essencialmente, por Freud, como inconsciente” (CHAVES, 2005, p. 32).

Admite-se que o complexo, tal qual descrito por Lacan (1938/2003), seja uma preestrutura ou mesmo uma estrutura, embora essa formulação conceitual lhe falte nesse momento (MILLER, 2012, p. 3). O complexo tem elementos submetidos ao cultural: é representado por um objeto, que será teorizado por Lacan como perdido. Ainda, o complexo encontra-se atrelado a uma fase vivida da objetivação, que se trata, segundo Miller (2012), de formas de subjetivação. Por último, ele ainda é a expressão da carência em relação a uma dada situação. É a carência que delineará o desenvolvimento psíquico com base em seu triplo aspecto: de conhecimento, de veículo que conduz a uma organização afetiva e ao choque com o real.

O complexo tem uma representação de ordem inconsciente, que Lacan (1938/2003, p. 35) denomina de “ímagô”. Ela é elaborada a partir das relações primeiras reais e ou fantasísticas vividas no seio familiar. A família é vista como instituição, determinada pela dimensão cultural e pelos laços imaginários que promovem sua organização. Em outras palavras, o complexo e a ímagô são os responsáveis por realizarem uma organização estrutural no que concerne ao “desenvolvimento psíquico”. Desse modo, a ímagô dá lugar aos complexos fundamentais organizados pela família em três níveis hierárquicos, elementares na descrição do desenvolvimento individual: o complexo do desmame, de intrusão e o complexo de Édipo.

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

O “complexo do desmame” pode ser designado a partir da relação da amamentação, fundamental nessa fase, a qual o bebê está em completa dependência de sua mãe. Esse complexo tem em sua gênese a “imagem materna”. É por meio dele que se fundam os sentimentos mais primitivos e de maior estabilidade, sendo preponderante na união do indivíduo à família, inclusive. É o complexo primeiro do desenvolvimento psíquico, se juntando aos demais, posteriormente.

Todavia, ao fim da amamentação do bebê, podemos imaginar que em sua regulamentação ocorre por um instinto. Entretanto basta analisar as observâncias em torno da determinação desse fim nas várias culturas para percebermos que tal tempo é completamente distinto de uma para outra. Nesse sentido, o término do desmame é assegurado pela cultura e não por um instinto, embora guarde certa aproximação com ele: nos animais o desmame é regulado pelo instinto, que por sua vez, deixa de atuar ao fim da lactação. Para nós é a cultura quem indica o limite.

A ablactação vivida pelo sujeito pode caracterizar uma experiência traumática, visto ser fruto de uma relação biológica interrompida. Entretanto, ainda que não assuma essa dimensão, é fato que o desmame deixa uma marca que permanecerá para sempre no psiquismo do sujeito. A interrupção dessa relação instaura um par de conflitos: uma crise vital, seguida de outra no psiquismo. Será a primeira vez que uma crise vital será resolvida por uma intenção mental, meio pelo qual o desmame será recusado ou aceito, não se caracterizando, essencialmente, como uma escolha, visto que nesse momento o sujeito não dispõe de um “eu” organizado.

A coexistência de dois polos distintos (aceitação ou negação) desempenha uma ambivalência necessária para o desenvolvimento psíquico, ainda que uma das duas possa prevalecer. Sobre esse aspecto, Chaves (2005, p. 33) descreve que a elaboração lacaniana compreende “que o psiquismo vai se constituindo por sucessivas perdas”. Contudo, é exatamente por haver uma recusa da ablactação, ainda que imaginária, que o positivo do complexo se funda, ou seja, tendendo a reestabelecer a imagem da relação de amamentação. A imagem tem seu conteúdo carregado por sensações vividas na mais tenra idade do sujeito, entretanto só ganhará forma à medida que tais sensações forem assumindo uma organização mental.

Embora até o décimo mês de vida a criança não disponha de recursos para reconhecer seu próprio corpo e o que lhe é externo, ampara-se em algumas sensações exteroceptivas, que constituem seus meios de percepção. Lembramos que precocemente a criança desenvolve profundo interesse pelo rosto humano, antes mesmo do desenvolvimento motor dos olhos se completarem, processo esse fundamental, pois evoca destaque ao rosto humano como “valor de expressão psíquica” (LACAN, 1938/2003, p. 38).

Sobre isso Chaves (2005, p. 34) explica que nesse momento “já está em jogo certa alienação do sujeito que se ‘identifica’ e se perde na visada do outro (aqui expresso pelo rosto, pela imagem da mãe)”. Nesse processo evidenciam-se as primeiras experiências de satisfação e o primeiro interesse afetivo. Diante das ações de afastamento e aproximação das pessoas que cuidam dela, atestamos as reações precoces e eletivas do recém-nascido, fazendo-o conhecer, muito cedo, o papel da presença daquele que realiza a função materna.

Daí se diferencia a sensação externa da sensação proprioceptiva. Quanto a essa última, será descrita por Lacan (1938/2003) como uma relação de “canibalismo”, vez que a criança suga o seio da mãe. Os estímulos de sucção e preensão constituem-se o sustentáculo da ambivalência vivida na própria situação: o bebê ao absorver é absorvido, reatualizando o complexo arcaico através do

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

abraço materno. Assim, o homem nasce prematuro, havendo segundo Lacan (1938/2003) uma deficiência positiva, essa deficiência o levará a viver em sociedade, não porque assim queira, mas porque necessita, em face de sua constituição parca.

A ruptura do ambiente e das condições de alimentação que a criança vivia, ou seja, a separação da relação parasitária com a mãe na vida intrauterina desencadeia um mal-estar, cujo cuidado materno algum poderá compensar. Nesse espaço, segundo Lacan (1938/2003), a imago do seio materno constitui-se e para sempre dominará a vida do sujeito. A imago, por um lado, desencadeia uma alta satisfação à mãe quando ela amamenta. Por outro, assegura a sobrevivência da criança, que sem tais cuidados nunca resistiria, sozinha. Esse complexo além de exercer uma função orgânica, realiza uma função social.

Porém, a imago do seio materno precisa ser sublimada para que novas formas de relação possam acontecer no campo social e para que novos complexos integrem ao psiquismo. Mesmo sublimada, a imago do seio materno persiste e realiza um papel fundamental para o sujeito. Portanto, a ideia de retorno à imago é mortífera, Lacan (1938/2003) retoma a partir dessa observação a concepção freudiana de pulsão de morte circunscrevendo a tendência à autodestruição, inclusive. Isso o permite afirmar que o complexo não corresponde às funções vitais, mas corresponde a sua própria subversão. Assim, é porque acontece uma saturação do complexo que surge o sentimento materno e a sublimação dele contribui para o sentimento familiar.

Outro complexo descrito por Lacan (1938/2003) é o complexo da intrusão. Com esse termo Lacan reintroduz o “Estádio de Espelho” no nível familiar, analisando essencialmente o complexo fraterno (MILLER, 2012). Esse complexo decorre do momento em que o sujeito reconhece-se entre irmãos, surgindo a partir daí o ciúme, que ao contrário da aparente rivalidade vital, representa, na verdade, “uma identificação mental” (MILLER, 2012, p. 43).

Crianças entre os seis meses a dois anos quando confrontadas uma com a outra, sem uma mediação, despertam várias reações que dão a impressão de uma manifestação da comunicação. Há uma reação de rivalidade decorrente da adaptação das posturas e dos gestos. Essa rivalidade decorre do reconhecimento do outro como seu rival, ou melhor, dito, “de um outro como objeto” (MILLER, 2012, p. 43). Esse processo é característico de uma relação com alguém que não ultrapasse significativamente a faixa etária da criança.

Se houver outra condição distinta da descrita, as reações podem ser totalmente diferentes, sendo, frequentemente, a exibição, sedução e/ou despotismo. Apesar de existir dois na relação, o conflito não se instala entre eles, mas, em cada sujeito por meio de duas atitudes antagônicas e ao mesmo tempo complementares. Isso ocorre porque cada pessoa confunde-se com a pátria do outro, identificando-se com ele, podendo apoiar-se em uma parte insignificante do outro e vivenciar toda situação sozinho. A respeito desse estágio, Lacan (1938/2003, p. 44) assim descreve que “a identificação, específica das condutas sociais, baseia-se num sentimento do outro que só pode ser desconhecido sem uma concepção correta de seu valor inteiramente imaginário”.

Dessa forma, a imago aqui está vinculada ao próprio corpo, ao contrário da imago do seio materno, que se liga ao outro (a mãe). O irmão é, segundo Chaves (2005, p. 37), “alvo de desejo e presença confusa”, manifestado em relações afetivas díspares de amor e identificação, par de opostos elementar nos estágios subsequentes. Na relação fraternal, se revela-se o ciúme do

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

irmão, ficando claro que a agressividade só acontece porque antes ocorreu a identificação com o irmão e com o seu estado enquanto amamentado, despertando novamente a imago materna e, por meio dela, o desejo de morte. A agressividade, então, sustenta-se por meio de uma identificação com o outro, o qual é objeto de violência. Tendo em vista a identificação, Chaves (2005, p. 36) resume que o sujeito é capturado em três momentos: “primeiramente, pela imago da mãe; pela presença do intruso irmão; e, finalmente, por sua imagem refletida no espelho, que o alienará para sempre nesse outro que é ele mesmo”.

No complexo do intruso, o sujeito tenta reviver o vínculo perdido desde a separação do nascimento ao fim da amamentação. Assim, no processo mental há uma predominância das funções visuais, de modo que “se a busca de sua unidade afetiva promove, no sujeito, as formas em que ele representa sua identidade para si mesmo. O que o sujeito saúda nela é o ideal mental que lhe é inerente” (LACAN, 1938/2003, p. 48).

Essa fase evidencia o mundo narcísico, ou seja, aquele que indica a morte, a reflexão especular e a própria ilusão da imagem. Essa última desempenha um papel preponderante para o sujeito, porém é a intrusão do semelhante (intrusão narcísica), que contribuirá para a formação do eu. Todavia, até que esse eu afirme sua identidade, se confundirá com essa imagem responsável por sua formação e alienação. Assim adverte Lacan (1938/2003, p. 49): “o eu constitui-se ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme”. Isso é vivido pelo sujeito com insatisfação, confusão afetiva e ambiguidade espetacular.

O complexo do intruso é uma versão com limitações teóricas, sendo retomado mais tarde e tratado por Lacan como nos lembra Chaves (2005) no texto O estádio do espelho como formador do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. É somente com a chegada de um terceiro que o sujeito que enveredou pelo ciúme por identificação, depara-se com uma nova saída. Tal identificação é melhor expressa por Lacan (1949/1998) em seu texto sobre o estádio do espelho em que o circunscreve ao processo de identificação, o qual tem como sentido preponderante: “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97).

O complexo fraterno tem relevantes aplicações, a de constituição do intruso, além do irmão aparecer como um modelo antigo do eu. Podemos dizer que o complexo do intruso, relaciona-se ao estádio do espelho, descrito mais tarde por Lacan (1949/1998), o qual terá como elemento central da discussão de seu texto a elaboração de sua tese de que nesse estádio a criança conquista a imagem de seu corpo, o qual se encontrava despedaçado, em outras palavras: “O sujeito lança mão do que é (corpo despedaçado) para ser outro (corpo organizado)” (CHAVES, 2005, p. 41).

Esse movimento de identificação com a imagem do outro promove a estruturação do eu. Na família o eu pode identificar-se das mais diversas formas, ainda que discordantes entre si. Ao falar da família, Lacan (1949/1998) descreve que um grupo familiar que se reduz à mãe pode instituir um complexo, cuja realidade será imaginária ou abstrata, contribuindo para eclosão da psicose. Visando delinear o papel desse terceiro que ele traz à luz o complexo de Édipo.

Ao tratá-lo, Lacan (1938/2003) destaca que ele é responsável por definir as relações psíquicas na família. A criança desde a tenra idade possui pulsões genitais, que constituem uma puberdade psicológica ainda prematura. Isso acontece na medida em que a criança fixa seu desejo sexual a um objeto próximo, em outras palavras, fixa seu interesse no genitor do sexo oposto, por

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

exemplo, o menino em sua mãe, instituindo-se a base elementar desse complexo, cuja frustração da realização desse desejo exercerá o papel fundamental de nó formador.

Quem realiza a função de frustração é denominado como objeto terceiro, seguindo a ideia do exemplo, seria o pai. Ele possui condições iguais em presença e no interesse pelo mesmo objeto, colocando-se como obstáculo a satisfação da criança. Assim, ao mesmo tempo em que realiza a interdição sexual, também é, para criança, o próprio exemplo da sua transgressão, pois teve que buscar fora do seu núcleo familiar alguém com quem pudesse realizar-se sexualmente.

A tensão decorrente resolve-se de duas formas: através do recalçamento da tendência sexual e pela sublimação da imagem parental. A primeira permanecerá em estado latente, possibilitando o deslocamento para interesses neutros, proporcionando aquisições educacionais. Já a sublimação parental, fica na consciência como ideal representativo. Esse duplo processo inscreve no psiquismo duas instâncias: o supereu, por meio do recalçamento e o ideal do eu, através da sublimação da imagem parental. Tais instâncias, segundo Lacan (1938/2003), representam o fim dessa crise edipiana.

Lacan (1938/2003) explica que Freud, ao perceber que o recalçamento e a sublimação constituíam sua regulação no drama familiar, tornou esse grupo protótipo do qual pôde observar as proibições universais e o próprio comércio sexual entre os membros, postulando suas teorias com base na assimetria das relações familiares.

A identificação edipiana leva ao reconhecimento da contradição das funções que a imago parental realiza, quais sejam inibição sexual e, ao mesmo tempo, a própria preservação dessa função. Lacan (1938/2003, p.) conclui que, “no complexo de Édipo, não é o momento do desejo que erige o objeto, mas sim o da defesa narcísica do sujeito”. Esse momento edípico serve como protótipo da sublimação, seja pela presença mascarada ou mesmo pela forma que assume de revestimento do objeto. Dito isso, o complexo de Édipo é compreendido, levando-se em consideração os eventos narcísicos anteriores. Ele exerce efeitos psíquicos no sujeito, principalmente, a imago paterna, que tem como função a repressão e a sublimação. No centro do drama edípico, a imago paterna ao realizar a função de sublimação, exerce sob os dois sexos formas de ideal do eu, reproduzida no menino como ideal viril e na menina como ideal virginal.

Cabe, por fim, descrever que tais complexos designados por Lacan (1938/2003) demonstram um conjunto de momentos vividos pelo sujeito, que são orientados a partir de sucessivas identificações imaginárias: imago materna, o intruso (irmão) e no complexo de Édipo. Este último, constituído por diversas identificações com as pessoas que exercem as funções de cuidado e transmissão da linguagem (materna) ou de Lei (paterna). Pode-se dizer, que esse mesmo mecanismo de identificação, que tem força na estrutura do sujeito, será o mesmo repetido nas demais relacionais sociais, em especial, na formação dos grupos.

2.3 Como os sujeitos funcionam em grupo?

Entende-se que o sujeito une-se ao grupo quando este possui representatividade de seus interesses, de seu objeto de desejo. Goldenberg (2014, p. 42) traz a reflexão freudiana na qual “o coletivo e o individual obedecem a mesma estrutura e respondem às mesmas leis. A diferença está em que forças do desejo que permanecem ‘sob controle’ (reprimidas e recalçadas) no indivíduo resultam desencadeadas no grupo”. O grupo, portanto, reforça as vontades de cada

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

sujeito que, por conseguinte, atuam no grupo como não atuariam individualmente. Conforme afirma Freud (1921/2020, p. 41), “há ideias e sentimentos que só surgem ou se transformam em ações nos indivíduos ligados numa massa”. E os sujeitos, quando neste coletivo, visando manter sua estabilidade, agem sem muita inibição. É um coletivo impulsivo, instável e irritável, atuando quase que exclusivamente pelo inconsciente.

Há uma relação de amor presente entre os pertencentes ao grupo e o ódio ao inimigo como forma de manter a coesão grupal. Para tal, tem-se a constituição do sujeito imbricada com seu exterior. Nesta relação com o outro, busca-se a reciprocidade, instalando-se, desta forma, o amor narcísico. No entanto, uma vez que esta relação vê-se balançada “(...) o simbólico encontra lugar, e a possibilidade de dissimetria, frustração e ódio se atualizam” (DIAS, 2012, p. 35). Assim, este sujeito constituído desta relação interior e exterior elabora-se não somente em sua particularidade, mas também na interação com o social.

Desta forma, o ódio, como manutenção da coesão grupal, decorre desse relacionamento do interior com o exterior, tendo este último como um fator que promove o ódio. Assim, quanto mais os grupos fecham-se em torno de si, mais o exterior apresenta-se como odioso (DIAS, 2012). Este ódio do sujeito, segundo o referido autor, tende a manifestar-se diante da diferença.

2.4 Qual a função da identificação?

Freud propõe a identificação “como a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/2020, p. 98). Esta amálgama de “Eus” que compartilham uma mesma instância psíquica acontece, pois o mecanismo da projeção coletiva desses ideais de Ego volta-se a um mesmo objeto (ÁVILA, 1999, p. 10). Esta identificação é parcial, o sujeito identifica-se no grupo, a ele vincula-se e transita pelos dois polos. Percebe-se acerca dessas identificações, que o Eu copia tanto a pessoa amada quanto a não amada, perpassando uma identificação limítrofe e parcial, em que este Eu toma para si um único traço da pessoa objetal (FREUD, 1921/2020).

A identificação é dúbia, ou seja, o sujeito volta-se tanto para a expressão de ternura quanto de eliminação, assim, quando este se identifica a um grupo, concomitantemente, já se esquia de outro, cancelando-o e desejando seu aniquilamento. Freud (1921/2020, p. 99) traz a isso a fase oral da organização libidinal, “(...) em que se incorporava o objeto desejado e apreciado ao comê-lo, aniquilando-o como tal”.

O sujeito, uma vez “identificado” ao grupo, “abandona” suas convicções e interesses para se juntar a ele. O conceito psicanalítico de identificação apresenta três fontes: na primeira, a ligação acontece com o sujeito ou com o objeto do Eu; na segunda, a identificação retrocede a uma substituição de uma ligação objetal libidinoso, seria a interiorização do objeto no Eu; e a terceira fonte, em específico, bem serve a esta ideia grupal, podendo surgir sempre que se percebe uma característica em comum com uma pessoa que não é objeto de impulsos sexuais. Ressalta-se a importância desta característica ser relevante para que essa identificação parcial seja próspera. (FREUD, 1921/2020)

Tem-se, ainda, a identificação histórica, que é uma identificação ao sintoma do outro, “signo do desejo inconsciente deste outro” (GOLDENBERG, 2014, p. 71). Não é, pois, o semelhante amado que o histórico adula, mas seu sintoma, produto do seu desejo recalcado. A ilustração que Freud apresenta a isso é o contágio no pensionato de moças, onde todas choram quando uma delas

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

recebe a carta do namorado rompendo a relação. As moças choram por terem querido estar em seu lugar, “menos pelo abandono que pelo fato de ela estar vivendo uma história de amor” (GOLDENBERG, 2014, p. 71).

2.5 Identificação versus Identidade

Algo de uma possível identidade pode ser pensada, tão e somente, na interação com o outro. O sujeito não se limita a si mesmo, não está isolado, ele é constituído dessas ocorrências, desses “outros”. Daí a importância do outro para esta constituição identitária, ou seja, “sem o grupo, não existiria identidade, é preciso haver outros, com quem se tem algo em comum, para ser-se um. Antes da identidade, vem a “idem-tidade”. Idem = assim como o outro” (ÁVILA, 1999, p. 02).

Isto posto, como fica a identidade se o “Eu é um outro?” A ideia que se tem de si, de sua identidade é uma ilusão. O Eu é um agrupamento de coisas, de traços e de identificações das quais apropria-se (GOLDENBERG, 2014).

O grupo constitui-se a partir de uma falta estrutural do sujeito, de seu Eu construído por fragmentos de identificações, que almejam a inteireza. Entretanto, o que a Psicanálise demonstra é que o sujeito é sempre dividido, consciente e inconsciente e que o Eu não é senhor em sua própria casa. Daí essa busca por algo, que diga ao sujeito quem ele é. Certamente, ao sujeito não há um Ser, mas uma falta-a-ser, sendo o encontro com o grupo mais uma das ilusões, que tentam apaziguar isso. Assim, onde falta um ser ao sujeito, o grupo pode ser a resposta, um pertencimento.

Para Ávila, “o grupo é a matriz da identidade, e que o verdadeiro habitat do indivíduo são os outros indivíduos” (ÁVILA, 1999, p. 11). Assim, a identidade que sou o “Eu”, sofre a influência da identificação que é o “nós” para constituir-se e, sequencialmente, esse Eu (identidade) liga-se ao nós por identificação. Ou seja, identifica-se com o objeto, este mesmo que contribuiu à identidade, podendo assim, afetá-lo e ser afetado por ele. Identidade e identificação estão imbricadas neste contexto psicanalítico de que o “Eu é um outro”, servindo-se a identidade desta identificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a formação de grupos é um convite a percorrer a constituição do próprio sujeito. Nela, pode-se verificar a forte dimensão da identificação, presente já nas primeiras relações familiares. As primeiras identificações são a égide presente nas relações sucessivas do sujeito, sendo que tais elementos do primeiro núcleo social, a família, poderão ser revividas quando da participação do sujeito em um grupo.

Assim, o sujeito, na busca pela satisfação de seus desejos, une-se a grupos que atendem a essas expectativas. Os grupos, portanto, decorrem de um aglomerado de “Eus” que se projetam a um mesmo objeto de desejo. Mesmo havendo algo no grupo que funda este elo, esse coletivo não representa, necessariamente, as vontades singulares. O sujeito, uma vez inserido no grupo, não faz valer seus interesses pessoais, perde suas características e permite que outras sejam incorporadas. Desta forma, o “Eu” sofre a influência do outro, ligando-se a ele via identificação.

Assim, o sujeito, uma vez dentro deste grupo, perde sua capacidade crítica e condena a diferença, pois ela própria denuncia a divisão subjetiva, inconsciente e consciente. Esta relação de amor presente entre os pertencentes ao grupo, e o ódio ao inimigo, atuam como forma de manter a

O SUJEITO NA CONSTITUIÇÃO GRUPAL: UMA LEITURA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

coesão grupal. Desta forma, quanto mais os grupos se fecham em torno de si mesmos, mais o exterior apresenta-se como odioso. (DIAS, 2012)

Por fim, os trabalhos aludidos contribuem não apenas ao que se propôs, como ainda abre um leque de possibilidades para o próprio prosseguimento desta pesquisa. Muitas diretrizes são aventadas, permitindo focos diversos e/ou a inserção de novas categorias que estejam em conúbio com as já existentes. Nesse viés, como sugestão a novos estudos, apresenta-se o sujeito que, criando um maior vínculo com seus desejos possa distanciar-se dos desejos que permeiam o grupo. Ou seja, “por meio do contato com seus desejos, o sujeito poderá distanciar-se dos desejos da massa, pondo à frente seu próprio destino” (QUEIROGA, et.al, 2016, p. 08).

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, L. A. O Grupo como Método. 1989. **ResearchGate**. 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235791514_O_grupo_como_metodo_Group_as_a_method, acesso em 23 de dez. de 2023
- CHAVES, W. C. **A determinação do sujeito em Lacan: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.
- DIAS, M. M. **Os Ódios: Clínica e Política do Psicanalista**. Seminário. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu (1921/2020)**. (10 ed.). Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2020.
- GOLDENBERG, R. **Psicologia das massas e análise do eu: solidão e multidão**. (1 ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. CD-ROOM.2009.
- LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Trabalho original publicado em 1938). pp. 29-90.
- LACAN, J.. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988 (Trabalho original publicado em 1949). pp. 96-103.
- QUEIROGA, C. S.; BARONE, L. M. C.; DA COSTA, B. H. R. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu. **Jornal de Psicanálise**, 49(91), 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200011, acesso em 23 de jan. de 2023.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- MILLER, J. A. (2012). **Leitura crítica dos Complexos Familiares**. (RIBEIRO, V. A, trad.). Opção Lacaniana online. Recuperado em 21 de janeiro de 2023, de: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>, acesso em 23 jan. 2023.